

O forte fluxo de recursos estrangeiros para o Brasil, que tem levado o dólar a se manter nos menores níveis em nove anos e a mirar a cotação de R\$ 1,60, reduziu a torcida do governo pelo tão alardeado grau de investimento (*investment grade*), chancela dada pelas empresas de classificação de risco aos países considerados seguros para o capital. "Não sei se, neste momento, o grau de investimento será um bom negócio", afirmou o ministro da Fazenda, Guido Mantega, um dos maiores defensores de tal indicador.

Há o temor de que, com a chegada do selo de qualidade, os recursos estrangeiros direcionados para o país dêem um tombo maior no dólar, prejudicando as exportações e exigindo um esforço redobrado do Banco Central para a compra dos excedentes de moeda. As intervenções do BC elevaram as reservas cambiais brasileiras para mais de US\$ 190 bilhões, um importante seguro nesses tempos de crise internacional. Em compensação, aumentaram a dívida interna em mais de R\$ 300 bilhões, pois os reais usados na aquisição de dólares foram retirados de circulação por meio da emissão de títulos públicos.

Com a classificação atual dada pelas três principais agências de risco — Standard and Poor's (S&P), Moody's e Fitch Ratings —, o Brasil não pode receber dinheiro dos grandes fundos de pensão e das principais seguradoras externas. Mas, tão logo o grau de investimento seja concedido, o país entrará na rota do capital dessas instituições, diante dos bons indicadores da economia, que está crescendo acima de 5% ao ano, com inflação ancorada na meta (4,5%) e relação entre a dívida e o Produto Interno Bruto (PIB) em queda, tudo dentro de um processo democrático.

Sinais positivos

Na avaliação de Mantega, no entanto, o Brasil já é visto pela grande maioria dos investidores como grau de investimento. Para comprovar isso, segundo o

É bom, mas pode esperar

Kleber Lima/CB



"NÃO SEI SE, NESTE MOMENTO, O GRAU DE INVESTIMENTO SERÁ UM BOM NEGÓCIO", AFIRMOU O MINISTRO DA FAZENDA, GUIDO MANTEGA

ministro, basta olhar a evolução do prêmio de risco do país e o comportamento do real durante os momentos mais graves da crise detonada pelo estouro da bolha imobiliária dos Estados Unidos, no final de julho do ano passado.

Nas contas de Mantega, do dia 23 de julho de 2007, quando surgiram os primeiros calotes do sub-prime (créditos de risco elevado), até o dia 26 de fevereiro, o prêmio de risco do Brasil aumentou 40,8%, índice maior apenas

que o da Argentina (30,4%) num universo de 11 países e inferior à média de 44% das economias emergentes.

No mesmo período, mostrou o levantamento de Mantega, o real se valorizou 7,6% ante o dó-

lar e o Ibovespa, principal índice de lucratividade da Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa), acumulou alta de 12,8%, resultado inferior apenas ao da Indonésia (+15,1%). Nos Estados Unidos, epicentro da crise interna-

cional, a Bolsa de Nova York registrou prejuízos de 9%. Já o mercado acionário japonês encolheu 21,9%. "O Brasil só tem recebido elogios por manter uma política econômica consistente", frisou. "O sinal de confiança mais recente disso foram os investimentos estrangeiros diretos, que, em janeiro último, totalizaram US\$ 4,814 bilhões, o maior da história para aquele mês."

Resultados

Parte da confiança angariada pelo país decorre do forte dinamismo da economia brasileira, que, segundo técnicos, cresceu no ano passado entre 5,5% e 5,6%. O ministro Guido Mantega, pelo menos publicamente, mantém-se comedido ao falar dos resultados do Produto Interno Bruto (PIB) de 2007, cujos resultados oficiais serão divulgados no dia 12. "Estamos trabalhando com o aumento do PIB entre 5,2% e 5,3%", afirmou.

Independentemente do número, o ministro está convencido de que a economia brasileira entrou, de forma definitiva, em um forte ciclo de crescimento que, em 20 anos, colocará o país entre as cinco maiores nação do planeta. Diferentemente do passado, em que o crescimento se dava sobre bases frágeis, o Brasil combina, agora, um mercado consumidor em expansão com inflação sob controle e juros em baixa. Foram esses fatores, acrescentou, que elevaram os investimentos produtivos acima de 13% em 2007.

O melhor, na avaliação de Mantega, é que a atividade entrou 2008 a todo vapor. "Seguramente, estamos crescendo a um ritmo de 6%." E esse ritmo está sendo sustentado, sobretudo, pela indústria, que, no último trimestre de 2007, cresceu 7,8%, também contribuindo para um PIB mais forte do que o esperado. "O importante é que a indústria cresça a taxas acima de 6% ao ano e que o uso da capacidade instalada se amplie. É isso que levará os empresários a tocarem novos projetos de investimentos", destacou. "No segmento de caminhões, há filas de espera de até seis meses. E eu acho isso ótimo, pois não estamos vendendo aumentos de preços, nem a cobrança de ágio."